



CONTROLE DE FOOTROT EM REBANHO OVINO NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL: ESTUDO DE CASO

KRUEL, Izabele¹; ROCHA, Pedro¹; MULLER, Liziany²; TONETTO, Cléber José³; SOUZA, Alexandre Nunes Motta³; BARIN, Cláudia Smaniotto².

Palavras-Chave: Ovinocultura. Casqueamento. Bactéria.

Introdução

O Brasil é o 8º maior criador de ovinos e caprinos do mundo, segundo o IBGE, em 2008 a criação de ovinos totalizava 16.628.571. O Estado do Rio Grande do Sul (RS) concentra o maior rebanho laneiro do país, responsável por 91,5% da produção lã.

Em 2008, segundo o IBGE, o RS possuía 4.009.938 ovinos, mantendo-se estável, entretanto chegou a ter um rebanho de 13 milhões de ovinos nas décadas de 1970 e 1980, antes da grave crise no mercado internacional da lã, que desestruturou grandemente a cadeia produtiva da ovinocultura laneira, provocando falência da grande maioria das Cooperativas de Lãs do Estado. Foi neste momento que os criadores de ovinos despertaram interesse pelo mercado de raças produtoras de carne, que tiveram um grande incremento na atividade.

Entre os diversos fatores essenciais ao bom resultado econômico da atividade pecuária, os programas sanitários que buscam prevenir e controlar enfermidades prevalentes na região despontam como fundamentais. Entre as diversas doenças que afetam a produtividade dos ovinos destacam-se as verminoses, o foot root, a clostridioses e ectima lanar contagiosa.

A foot root também denominada de manqueira, podridão dos cascos, peeira, pederro e pietin, a pododermatite é uma enfermidade crônica dos ruminantes produzida pela associação das bactérias *Fusobacterium necrophorum* e *Dichelobacter nodosus*, sendo esta última a responsável pela transmissão. Esta afecção está limitada ao tecido epidérmico do espaço interdigital da pele e do casco (BONINO et al., 2001). A forma virulenta leva à claudicação, com conseqüente perda de produção em ovinos (RIETCORRÊA et al., 2001). Estas perdas são estimadas em 11% do peso corpóreo e uma redução na produção de lã de até 8%, além de comprometer a qualidade do produto (RADOSTITS et al., 2007).

¹ Acadêmicos do Curso de Agronomia. UNICRUZ. Cruz Alta – RS. e-mail: ikruel@hotmail.com

² Universidade Federal de Santa Maria. UFSM. Santa Maria – RS.

³ Instituto Federal Farroupilha. IFF. São Vicente do Sul – RS.



O diagnóstico clínico é realizado de acordo com as características da lesão, pelo aparecimento de surtos associados às épocas úmidas e quentes do ano e pelo caráter crônico e recidivante da doença (RIET-CORRÊA et al., 2001). O sinal clínico mais evidente da pododermatite infecciosa dos ruminantes é a claudicação. Sinais da infecção variam desde uma suave vermelhidão (inflamação) da pele interdigital até a completa separação do tecido córneo do casco. Para descrever didaticamente os vários estágios da pododermatite infecciosa, estabeleceu-se sistemas de escores, sendo o mais utilizado o escore modificado de Egerton (BENDIGO, 2007).

A doença ocorre principalmente durante períodos prolongados de calor e umidade e, em condições favoráveis um número significativo de animais pode adoecer (RODRIGUES et al., 2001; ABBOTT & LEWIS, 2005). O pH do solo pode influenciar na incidência da pododermatite, pois a prevalência da doença parece aumentar em solos com pH ácido (SCOTT & HENDERSON, 1991). O crescimento excessivo do casco e eventualmente sua coloração branca também podem ser fatores predisponentes (REILLY et al., 2004). Entretanto, este estudo objetiva o controle da foot root em um rebanho ovino da região central do Rio Grande do Sul.

Metodologia

Este estudo foi desenvolvido na propriedade rural nominada Violetera, no município de São Martinho da Serra – RS. A propriedade trabalha com ovinos da raça Ideal, que é produtora de lã fina de alto rendimento industrial, bem como cordeiros precoces para o abate. O manejo nutricional dos ovinos nessa propriedade ocorre sobre pastagem cultivada e pastagem natural.

A propriedade trabalha atualmente com um rebanho de 357 ovelhas de cria, 40 ovelhas de descarte, 5 carneiros e 250 cordeiros, totalizando 652 ovinos, porém este número varia muito dia-a-dia, pois a propriedade adquire cordeiros de diversas regiões para terminação. Em uma das compras, a propriedade recebeu um lote que estava infectado pelo foot root, porém como a doença estava em estágio inicial, passou despercebida e não houve nenhum controle sanitário o que em alguns dias ocasionou uma infestação no rebanho total.

Para o controle da doença, começaram a prática de pedilúvio com 1 Kg de Sulfato de Cobre para 9 litros de água onde as ovelhas permaneciam durante 10 minutos. Esta prática ocorreu a cada 14 dias durante 3 meses de duração, após isso a prática ocorria uma vez por mês durante 6 meses, até que o foot root foi controlado. Já em 2012, o ovinocultor



acrescentou 1 litro de formol (na concentração de 37%) para cada 10 litros de água e 1 Kg de Sulfato de Zinco para os mesmos 10 litros de água, com o acréscimo do formol o tempo no pedilúvio baixou para 5 minutos na imersão.

Além do pedilúvio, outra prática usada na propriedade é a casqueação que ocorre uma vez a cada 6 meses, visando a oxigenação no casco que ajuda a combater a bactéria e realizando o aprumo.

Resultados e Discussão

A prevalência da foot root na propriedade estudada demonstra a importância da doença no RS, quando existem condições favoráveis a sua transmissão. As condições ambientais favoráveis durante o período quente, associado com a presença de umidade, são fatores predisponentes a transmissão. A umidade provoca desvitalização do espaço interdigital o que permite a infecção pelo *F. necrophorum* e *D. nodosus* (Graham & Egerton 1968). Além disso, pode deixar a região mais susceptível a lesões quando os animais caminham nas áreas com pedregulhos. Outro fator determinante no aumento do número de animais doentes é a falha na utilização de formas adequadas de medidas de controle no período de transmissão da doença, a época chuvosa e assim que adquirem animais novos de outras propriedades.

De acordo com Wassink et al. (2003), apesar da prática do casqueamento ser importante para o controle de enfermidades podais, esse procedimento pode facilitar a transmissão da doença pois permite maior contato entre animais doentes e sadios durante o período de realização e muitas vezes é realizada sem desinfecção do material.

O acréscimo do formol na concentração de 37% na solução ocorreu para baixar o tempo em que os animais ficam expostos aos produtos químicos além de ser mais eficaz, porém os riscos de manuseio e bem-estar animal devem ser relatados aos funcionários, para que tenham restrições e maior cuidado ao manuseio.

A conscientização dos proprietários é parte fundamental na conduta a ser assumida em situações de surto de doenças podais. Devem ser disponibilizadas informações para uma correta identificação das lesões podais e os tratamentos apropriados. Devendo-se estimular a adoção medidas de controle quando as condições ambientais tornam-se secas, momento em que há uma redução no número de casos clínicos e os produtores omitem-se a realização destas medidas, garantindo um maior sucesso das medidas implementadas (AGUIAR, 2011).



Considerações Finais

É possível o controle efetivo da foot root infecciosa nas fazendas, com o menor custo possível. Entretanto faz-se necessário determinar e divulgar as medidas de controle adequadas para cada região, principalmente no referente à profilaxia da enfermidade como o uso de casqueamentos; pedilúvios; eliminação de casos crônicos; inspeção periódica dos animais introduzidos; uso de piquetes livres do *D. nodosus*, após duas semanas sem trânsito de animais doentes.

Referências

ABBOTT, K.A.; LEWIS, C.J. Current approaches to the management of ovine footrot. The Veterinary Journal, v. 169, p. 28-41, 2005.

AGUIAR, Gildeni Maria Nascimento. Doenças podais em caprinos e ovinos no semiárido Paraibano. Patos – PB. Universidade Federal de Campina Grande, 2011. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária).

BENDIGO, T.G. Footrot in Sheep: Diseases facts, Diagnosis, Treatment, Prevention and Damage Control, Benign Footrot. Agriculture Notes. State of Victoria, Department of Primary Industries USA. Março, 2007.

BONINO, J.; CASARETTO, A.; MEDEROS, A.; FERREIRA, G.; GIL, A. Relevamiento epidemiológico de la prevalencia de Footrot en ovinos del Uruguay. En: **Estúdios sobre Footrot ovino en el Uruguay: relevamiento de su prevalencia, evaluación de las pérdidas productivas y económicas**. INIA Tacuarembó. p. 1-8, 2001

GRAHAM N.P.H. & Egerton J.R. 1968. Pathogenesis of ovine footrot: The role of some environmental factors. Aus. Vet. J. 44:235-240.

REILLY, L.K., BAIRD, A.N., PUGH, D.G. Enfermidades do Sistema Musculoesquelético. In: PUGH, D. G. Clínica de ovinos e caprinos. São Paulo: Roca, p. 254-256, 2004.

RIET-CORREA, F; SCHILD, A.L; MENDEZ, M.C; LEMOS, R.A.A. **Doenças de Ruminantes e Equinos**. 2 ed. São Paulo: Varela, 2001. 998 p.

RADOSTITS, O.M.; GAY, C.C.; BLOOD D.C.; HINCHCLIFF, K.W. Veterinary medicine: A textbook of the diseases of cattle, horses, sheep, pigs, and goats. 10.ed, p. 1079-1086, 2007.

RODRIGUES, C.A., MENDES, L.C.N., PEIRÓ, J.R., FEITOSA, F.L.F. Ocorrência de um surto de “footrot” em rebanho de ovinos na região de Araçatuba; SP, Brasil. Revista de Educação Continuada do Conselho Federal de Medicina Veterinária, v. 4, n. 3, p. 12-19, 2001.

WASSINK, G.J., Grogono-Thomas R., Moore L.J. & Green L. E. 2003. Risk factors associated with the prevalence of footrot in sheep from 1999 to 2000. Vet. Rec.152:351-358.